
*CONCEPÇÕES DE EDUCADORES SOBRE A DROGADIÇÃO
E SUA POSSÍVEL INTERFERÊNCIA NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS*

Marisele Pereira Velasques

(UNIPAMPA)

Simone Lara

(UNIPAMPA)

Resumo: O estudo buscou identificar a concepção de educadores, sobre a possível relação da drogadição com as dificuldades de aprendizagem em estudantes em anos iniciais, de uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul, sendo referência importante de violência e drogadição no município. Ainda, o estudo objetivou conhecer o perfil dos estudantes dos anos iniciais, considerando a realidade sócio-cultural na qual estão inseridos. Foram incluídos professores e estudantes dos anos iniciais, a quem foram aplicados uma entrevista semi-estruturada e um questionário, respectivamente, sobre os temas associados com o estudo. Os resultados demonstraram que existe uma associação entre os estudantes que vivenciam o problema da drogadição em sua vida cotidiana e dificuldades de aprendizagem encontradas na escola. Portanto, é essencial que os professores tenham uma formação que os possibilite trabalhar junto a estudantes com dificuldades de aprendizagem, bem como os capacite para a abordagem destas temáticas no ensino.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Drogadição. Anos iniciais. Capacitação de docentes.

*TEACHERS' CONCEPTIONS ABOUT DRUG ADDICTION AND THEIR
POSSIBLE INTERFERENCE IN THE PROCESS OF TEACHING AND
LEARNING IN THE EARLY YEARS*

Abstract: The study sought to identify teachers' conceptions on the possible relation between drug addiction and early-years students' learning difficulties at a public school in the state of Rio Grande do Sul, which is an important reference of violence and drug abuse in the city where it is located. The study also aimed to identify early-years students' characteristics by considering the socio-cultural reality in which they live. We included early-years teachers and students, to whom a semi-structured interview and a questionnaire on the study-related issues were respectively applied. The results showed that there is an association between students who

experience drug addiction in their everyday life and the learning difficulties encountered in school. Therefore, it is essential that teachers be provided with training that enables them to work with students who have learning difficulties and to address these issues in teaching.

Keywords: Learning difficulties. Drug addiction. Early years. Teacher training.

O contexto de estudantes em anos iniciais com dificuldades de aprendizagem

A dificuldade de aprendizagem refere-se a uma discrepância entre o que se presume que a criança seja capaz de aprender potencialmente, sob uma dada situação em sala de aula, e o que ela realmente realiza. Além disso, é caracterizada por um grupo heterogêneo de manifestações que ocasiona baixo rendimento acadêmico nas tarefas de leitura, escrita e cálculo-matemático, e pode ser categorizada como transitórias, além de ocorrer em qualquer momento no processo de ensino e aprendizagem (ROLFSEN, MARTINEZ, 2008; SILVA, CAPELLINI, 2011).

De acordo com Pacheco (2005), existem vários fatores que devem ser considerados quando se discute sobre as etiologias das dificuldades de aprendizagem apresentadas no contexto escolar, a exemplo das condições de saúde, do nível educacional da família, e da presença e envolvimento dos pais na educação do estudante. De fato, as dificuldades de aprendizagem se fazem presentes em todos os contextos escolares, porém, em algumas comunidades aparecem com maior intensidade, em especial no que remete a problemas de ordem familiar, baixo nível socioeconômico, problemas nutricionais (desnutrição), falta de higiene, violência e drogadição (ROTTA, OHLWEILER e RIESGO, 2005). Esta última representa um termo genérico, relacionado a qualquer modalidade de vício bioquímico por parte de um ser humano ou a alguma droga (substância química), e está atrelado, nas ciências médicas, como um fator de dependência à mesma (KALINA e KOVADLOFF, 1988).

Neste sentido, Negrão e Seabra (2007) ressaltam que o uso de substâncias tóxicas pela mãe, a exposição pré-natal às drogas, além do abuso físico e violência no âmbito familiar, estão associados com as dificuldades de aprendizagem, apresentadas na infância. Os mesmos autores ressaltam que, quando relacionada ao uso de drogas pelos pais, a criança, ao receber as toxinas existentes via intrauterina pelo organismo da mãe, pode desenvolver déficits neurológicos, podendo apresentar sérias

dificuldades de aprendizagem em fases mais tardias, como a incapacidade para a aprendizagem da leitura, da escrita, ou do cálculo ou para a aquisição de aptidões sociais.

De acordo com Halpern e Figueras (2004), existem, na etiologia da patologia mental, componentes biológicos e ambientais afetando o substrato neural. Observam que as disfunções do cérebro não se constituem as únicas responsáveis pela psicopatologia, mas têm um impacto dependente da resposta ambiental e social do indivíduo, determinando, assim, o risco de um resultado negativo. Por fim, os autores descrevem que, as condições ambientais, como privação de estímulo físico e social, pobreza, estresse e exposição pré-natal a drogas, podem comprometer a função do cérebro quando existem condições predisponentes.

Da mesma forma, Witt, Riley e Coiro (2003), ao estudarem as associações entre status funcional da criança, estressores familiares e ajustamento psicossocial de escolares com diferentes dificuldades e limitações (perdas sensoriais, necessidades especiais, distúrbios de aprendizagem e outras), concluíram que problemas de comunicação e de aprendizagem, além de problemas de saúde física e mental da mãe, conflitos familiares e pobreza, estão significativa e positivamente associados ao desajustamento psicossocial entre crianças com dificuldades de aprendizagem.

Neste contexto, sabendo das dificuldades de aprendizagem destes escolares, e em especial quando os fatores externos e/ou problemas são identificados na realidade da escola, cabe aos educadores criarem espaços para discussões e reflexões acerca de como trabalhar com estes alunos no ambiente escolar, para garantir uma aprendizagem significativa, bem como minimizar o impacto negativo destes fatores externos já conhecidos.

O professor: desafios e a perspectiva de trabalho com o tema transversal saúde no ambiente escolar

Os desafios da educação e da ciência, no que tange ao aprendizado efetivo e significativo estão cada vez mais presentes na realidade escolar. Neste contexto, segundo Gil-Perez et al. (2003), as dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem estão vinculadas à falta de investimento na educação científica dos professores, que seriam os atores principais a contribuir para

pensar e construir um futuro, na direção de uma melhoria da qualidade de vida.

Para Fourez (2003), o ensino de ciências deveria ajudar o aluno a compreender o próprio mundo, sendo o principal papel docente a mediação deste processo. De fato, conforme Moreira et al. (2011), professores podem agir como agentes multiplicadores de temas relevantes, principalmente por ser a escola um ambiente onde a criança/adolescente passa a maior parte de seu tempo.

Contudo, Zacharias (2011) retrata que, no ensino atual, o docente encontra-se sobrecarregado de trabalho, com acúmulos de atividades, responsabilidades e exigências, mas é cobrado pela escola devido ao baixo nível de aprendizagem de seus alunos e responsabilizado muitas vezes por este feito, a fim de que modifique essa realidade. Entretanto, devido à complexidade da realidade sociocultural e dos vários fatores externos negativos que afetam a vida do estudante, o professor encontra diversos obstáculos e barreiras que dificultam o processo de ensino e aprendizagem de forma efetiva no contexto escolar.

Nesta linha de pensamento, sabendo que é na infância e adolescência que muitos comportamentos de risco e hábitos inadequados são incorporados, entre eles, o etilismo, tabagismo, sedentarismo e modificações nos padrões alimentares (NOBRE et al. 2006), torna-se necessário que a escola, na sua dimensão formal do ensino, prepare a criança através da aquisição de conhecimentos científicos básicos, para que esta tenha condições de tomar decisões conscientes que impliquem tanto o rompimento de hábitos nocivos, quanto a aquisição de hábitos de vida saudáveis (GONZALEZ; PALEARI, 2006).

De forma complementar, de acordo os PCN'S (BRASIL, 1996), a escola é um espaço privilegiado para o tratamento destas temáticas em saúde, visto que o discernimento do uso de drogas está diretamente relacionado à formação e às vivências afetivas e sociais de crianças e jovens, inclusive no âmbito escolar. Além disso, a vulnerabilidade do jovem e o fato de ser esta a fase da vida na qual os comportamentos grupais têm enorme poder sobre as escolhas individuais fazem da escola palco para o estabelecimento de muitos dos vínculos decisivos para a formação das condutas dos alunos frente aos riscos. Ainda, de acordo com os PCN's, o reconhecimento dos fatos e mitos a respeito do assunto, a situação real de uso de drogas em diferentes realidades, assim como as ideias e sentimentos dos alunos, da comunidade escolar e dos pais a respeito do assunto, precisam ser considerados.

Observa-se que, na prática educativa, a questão da saúde escolar precisa ser mais trabalhada com os docentes – os quais ainda não concebem muito bem o real significado dessa prática – e com toda a escola. Logo, torna-se necessária a realização de capacitações para os profissionais do campo educacional, além de um maior envolvimento dos profissionais da área da saúde neste contexto. Estes últimos devem dar uma maior contribuição para um bom desenvolvimento das ações de saúde no ambiente escolar, em especial fomentando um maior suporte aos educadores – elementos fundamentais no processo de construção e mudança de comportamento (FERNANDES, ROCHA, e SOUZA, 2005). Assim, para que o educador consiga efetivamente trabalhar com tais temáticas no contexto escolar, o mesmo deve ser previamente capacitado para este fim, buscando sempre entender a realidade no qual a escola está inserida, os anseios e vivências das pessoas que fazem parte daquela comunidade, no propósito de criar novas ações que maximizem o processo de ensino aprendizagem direcionado aos estudantes.

Assim, em uma perspectiva de capacitação para o desenvolvimento do trabalho com o tema saúde e de acordo com o contexto da escola na qual está inserido, o professor poderá desenvolver um papel efetivo no processo de educação em saúde. De fato, segundo os PCNS (BRASIL, 1996), a Educação para a Saúde cumprirá seus objetivos ao promover a conscientização dos alunos para o direito à saúde, sensibilizá-los para a busca permanente da compreensão de seus condicionantes e capacitá-los para a utilização de medidas práticas de promoção, proteção e recuperação da saúde ao seu alcance. Ainda, de acordo com os PCNS (BRASIL, 1996), também no interior da escola, as questões sobre a saúde encontram espaço para diferentes abordagens, segundo as inflexões socioeconômicas, políticas e ideológicas de cada momento histórico. Em outras palavras, o que a sociedade entende por saúde está sempre presente na sala de aula e no ambiente escolar, e, portanto, deve ser abordada dentro de uma perspectiva pedagógica de ensino.

O estudo

Frente às questões abordadas ao longo do texto, optou-se por trabalhar em uma escola pública do município de Uruguaiana, Rio

Grande do Sul, uma vez que a mesma vem apresentando médias baixas no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) nos anos iniciais, com valores de 4,2 em 2007 (meta 3,9), 4,3 em 2009 (meta 4,2) e 4,4 em 2011 (meta 4,6), valores ainda inferiores do considerado ideal (de 6,0). Além deste fator, a instituição está localizada geograficamente em uma região de vulnerabilidade social, sendo referência importante de violência e drogadição no município.

A escola, sabendo dessa temática na vida de seus alunos, tem em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a educação como humanizadora, transformadora, inclusiva, crítica e atualizada, e, dentre as suas ações, objetiva elaborar projetos de prevenção às drogas. Sob este olhar, se a escola tem em seu PPP o objetivo de trabalhar esta temática, deve, primeiramente, buscar formas dinâmicas e atualizadas para abordá-la com todos os escolares, independente da faixa etária. Ainda, é papel da escola criar condições necessárias para que os alunos desenvolvam plenamente suas potencialidades, sabendo cuidar de sua própria saúde e de sua comunidade, sendo esta questão relacionada com o conceito de uma escola promotora de saúde (FARIA; CARVALHO, 2004). Apesar de a escola referenciar em seu PPP a abordagem do uso de drogas, e os PCN'S orientarem sobre a abordagem do tema transversal saúde, não é garantido que os docentes desta escola, de fato, abordem esta temática na sala de aula.

Sob esta perspectiva, faz-se pertinente conhecer a percepção dos educadores desta instituição sobre o tema drogadição e se esta condição pode afetar a aprendizagem dos estudantes, bem como identificar o perfil dos estudantes que vivenciam tal realidade, e com base nestes dados, construir propostas efetivas de trabalho com o tema drogadição no ambiente escolar. De fato, é preciso que os professores identifiquem estas problemáticas, conscientizando-se sobre a relevância da abordagem deste tema em sala de aula, a fim de que seus estudantes obtenham conhecimentos pertinentes acerca de aspectos relacionados com sua própria saúde.

Portanto, com base no exposto, os objetivos deste artigo foram: a) identificar as concepções de educadores sobre a drogadição, abordagem desta temática em sala de aula, e sua possível interferência no processo de ensino aprendizagem dos estudantes dos anos iniciais; b) conhecer o perfil dos estudantes dos anos iniciais, considerando a realidade sócio-cultural na qual estão inseridos.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, de caráter qualitativo e quantitativo, onde foram incluídos professores e estudantes dos anos iniciais, de uma escola pública no município de Uruguaiana/RS, no segundo semestre de 2012. Em um primeiro momento, o projeto foi apresentado à direção da escola, a fim de obter o seu aceite e seu consentimento. Posteriormente, foram selecionados, por meio de sorteio, estudantes das turmas de terceiro ano, quarto ano e quinto ano do ensino fundamental desta escola, compreendendo uma faixa-etária de 8 a 14 anos de idade, totalizando 45 estudantes. Estes estudantes responderam a um questionário com questões fechadas, envolvendo questões sobre características pessoais, dificuldades de aprendizagem encontradas na escola, reprovações, e se o tema relacionado com as drogas é abordado no contexto escolar. Da mesma forma, foram incluídos, por meio de sorteio, 08 professores dos anos iniciais que atuam na escola, e os mesmos foram questionados, por meio de entrevista semi-estruturada (elaborada pelos pesquisadores), acerca dos temas relacionados com o projeto, especificamente sobre a situação da drogadição e sua possível interferência na aprendizagem escolar. Adicionalmente, esta entrevista foi gravada e transcrita para a análise dos dados. Foram excluídos do estudo alunos e professores que não se enquadravam nos critérios já descritos neste trabalho. Todos os participantes selecionados, que aceitaram participar do estudo, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), sendo um direcionado aos pais/responsáveis pelos alunos, pois são menores de idade, e outro direcionado ao professor. Nomeadamente, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pampa (CEP-UNIPAMPA). Os dados quantitativos foram analisados por meio do Programa estatístico SPSS, versão 17.0, e os dados qualitativos foram analisados de acordo com a análise temática qualitativa de Bardin (2004), a fim de categorizar as respostas de acordo com o conteúdo das mesmas.

Resultados e Discussão

O quadro 1 demonstra o perfil dos professores participantes do estudo. Percebe-se que todos os professores são pedagogos,

compreendendo uma faixa-etária de 28 a 52 anos, com um tempo de docência variando entre 4 a 25 anos.

Quadro 1 - Perfil dos professores entrevistados

Professor	Idade	Formação (graduação e pós-graduação)	Tempo total de docência	Tempo de trabalho na escola	Trabalho em outras escolas	Função na escola
P1	52	Pedagogia	14	10	Não	Professor e Regente de classe
P2	32	Pedagogia / Psicopedagogia	10	6	Não	Professor e Regente de classe
P3	45	Pedagogia / Pedagogia nas Séries Iniciais	25	8	Não	Professor e Regente de classe
P4	30	Pedagogia / Psicopedagogia Institucional	10	8	Não	Professor e Regente de classe
P5	45	Pedagogia	25	25	Sim	Professor e Regente de classe
P6	46	Pedagogia	24	19	Sim	Professor e Regente de classe
P7	28	Pedagogia / Psicopedagogia	4	1	Sim	Professor e Regente de classe
P8	43	Pedagogia / Educação Inclusiva	25	25	Sim	Professor e Regente de classe

Fonte: os autores, 2013

Com relação às características dos estudantes, foram avaliados 45 alunos cursando o terceiro, quarto e quinto ano dos anos iniciais, com média etária de 10 anos. Destes estudantes, 28 (62,2%) relataram residir com a mãe, pai e irmãos; e 24 (53,3%) afirmaram realizar atividades extras, como auxiliar nas atividades do lar e participar de esportes. Com relação à temática da drogadição, 33 (73,3%) estudantes afirmaram conhecer alguém em seu meio que faz uso de drogas, e destes, 7 (15,6%) estudantes relataram existir casos de uso de drogas na própria família.

Quando os professores foram questionados se o problema da drogadição, devido ao contexto regional, poderia estar afetando o aprendizado dos seus alunos, todos afirmaram que sim. Ainda, retrataram a relação deste fator com algumas características intrínsecas dos estudantes e suas dificuldades de aprendizagem no âmbito escolar, como confere os relatos:

P3: Eles vêm muito agitados, agressivos e isso influencia porque eles não se concentram, não querem ficar numa sala de aula, e aí prejudicam até a aprendizagem dos outros e agredem as outras crianças.

P5: Eles são muito lentos na aprendizagem, são hiperativos né? Eles agitam o tempo inteiro, não se concentram o que leva o rendimento lá embaixo.

P6: A gente nota que eles têm mais dificuldades na aprendizagem, são crianças mais lentas porque são filhos de pais que tem dependência química[..]

P7: Eu acredito que sim. Eu acho que isso é um diferencial que a gente consegue ver dentro da sala de aula com algumas atitudes dos alunos que a gente compara com outros [...]

Por meio destes dados, é notório o conhecimento dos professores sobre a situação dos estudantes que têm pais com dependência química, e sua relação direta com as dificuldades de aprendizagem.

Ainda, estes relatos estão de acordo com os achados dos próprios estudantes, visto que 73,3% deles referem conhecer indivíduos usuários de drogas, e 15,6% relataram existir portadores em sua própria família.

Em um novo questionamento acerca das dificuldades de aprendizagem encontradas em seus alunos em meio a esta realidade, todos os professores foram unânimes ao afirmar que encontram dificuldades de trabalho na sala de aula, especialmente relacionadas com a concentração, escrita e raciocínio lógico, explicitado nos relatos:

P2: [...] Dificuldade no raciocínio lógico, na escrita, dificuldade de organização no caderno, de realização das tarefas na escola, dificuldade de leitura [...]

P7: Olha, eu acho que eles são inquietos, têm mais dificuldades pra se concentrar nas coisas, pra entender, e obedecer assim a ordem de uma atividade dirigida, tu explica o que é pra fazer e eles daqui a pouco, daqui a cinco minutos eles não sabem mais.

P8: Principalmente na alfabetização e no raciocínio lógico.

De forma paralela a estes relatos, acerca das dificuldades de aprendizagem encontradas na escola, 24 (53,3%) estudantes relataram que utilizam as salas de recuperação na escola com frequência; e 16 (35,6%) afirmaram já ter reprovado por, pelo menos, uma vez.

Ainda, o Quadro 2 apresenta as dificuldades de aprendizagem relatadas pelos estudantes, no presente estudo.

Cabe ressaltar que os estudantes poderiam destacar mais de uma dificuldade relacionada com a sua aprendizagem no contexto escolar.

Quadro 2 - Dificuldades de aprendizagem relatadas pelos estudantes dos anos iniciais

Dificuldades encontradas	N	%
Dificuldades na área de linguagem	33	73,3
Dificuldades na área da matemática	29	64,4
Dificuldades de concentração	16	35,6

Fonte: os autores, 2013

Por meio dos achados do presente estudo, verifica-se que os dados apresentados pelos estudantes vêm ao encontro das percepções dos educadores, acerca da alta gama de dificuldades de aprendizagem encontradas no meio escolar, em decorrência do fator drogadição.

Nomeadamente, de acordo com os achados de Felipe (2004) em seu estudo sobre fracasso escolar, o alcoolismo estava presente em 56,7% das famílias dos reprovados e 26,4% na família dos aprovados. Isto demonstra que pais que possuem alguma dependência química acabam por influenciar de maneira negativa a aprendizagem de seus filhos, como as dificuldades de atenção, além de repercussões genéticas já citadas no presente estudo.

Os resultados apresentados por Njaine e Minayo (2003) demonstraram que as agressões domésticas, a ausência de valorização e a falta de diálogo com os pais foram fatores que se refletiram negativamente sobre a aprendizagem escolar. Ainda relataram a preocupação dos professores neste contexto, a fim de evitar que seus alunos possam associar-se ao crime e à violência, uma vez que estavam inseridos neste contexto. De acordo com Negrão e Seabra (2007), as escolas apresentam inúmeras limitações logísticas e de recursos humanos, que impedem os professores de trabalhar de forma mais adequada com estes estudantes, onde os mesmos ficam limitados em suas ações, e acabam por assistir a uma porcentagem muito significativa de abandonos precoces de escolaridade obrigatória pelos estudantes.

Adicionalmente, alguns docentes destacaram a falta de apoio da família do escolar como um fator chave dos problemas relacionados com a aprendizagem, encontrados na sala de aula:

P5:[...] A gente trabalha mais sozinho do que com a família. Pra família vir pra escola é uma briga...então isso aí ocasiona diretamente o fator desaprendizagem.

P6: [...]não contamos com o apoio muitas vezes dos familiares, eles são crianças carentes que tem uma ação social imensa né?

É inegável a importância da família para a motivação e a aprendizagem do estudante; dela se traz valores e exemplos e, sem ela, o professor acaba por assumir grandes responsabilidades que não competem à sua profissão. Para Maturano (1999), a influência do ambiente familiar representa a principal fonte de recurso a que a criança pode recorrer para lidar com os desafios do processo de integração à escola e o primeiro passo no percurso de sua integração à sociedade.

De fato, a distância entre a família e a escola acaba por desmotivar o estudante a prosseguir, visto que, em qualquer momento da vida do ser humano, é preciso o apoio e incentivo para lutar por seus objetivos. Ainda, é justamente na infância que se vive as primeiras experiências de conquistas e derrotas; na escola um dos primeiros espaços sociais vivenciados, com diferenças, desafios e regras. De acordo com Polonia e Dessen (2005), a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos dos estudantes, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. Neste sentido, Araújo (2002) retrata que o desempenho escolar depende de diferentes fatores, dentre eles a presença dos pais e a interação dos pais com a escola. Adicionalmente, Polonia e Dessen (2007), descrevem a importância das escolas investirem no fortalecimento das associações de pais e mestres, no conselho escolar, dentre outros espaços de participação, de modo a propiciar a articulação da família com a comunidade escolar, estabelecendo relações mais próximas. Ainda destacam a importância da influência da família como impulsionadora da produtividade escolar e do aproveitamento acadêmico, e, por outro lado, o distanciamento da família pode provocar o desinteresse escolar e a desvalorização da educação, especialmente nas classes menos favorecidas.

A fim de modificar esta realidade percebida no contexto escolar, todos os professores relataram a importância da promoção de ações integradas, envolvendo a comunidade escolar, com participação da escola e da família, uma vez que ações individuais não apresentam resoluções concretas e efetivas. Nomeadamente, um professor relatou que estes estudantes deveriam obter um

acompanhamento específico, em vista da extrema dificuldade de aprendizagem na escola que os mesmos apresentam:

P7: Eu acho que deveria ser feito um trabalho específico com esses casos, que isso fosse considerado mesmo uma questão de saúde pública, e que tivesse um projeto específico pra essas crianças que já nascem com esse... como é que vou te dizer? Já nascem nessa realidade, teria que ter um programa específico, um acompanhamento pra essas crianças, porque isso é claro que eles vão encontrar dificuldades na escola.

Ainda com relação ao trabalho da temática drogadição na sala de aula, seis professores descreveram que abordam este assunto com seus alunos nos anos iniciais, de forma lúdica, pois é um tema vivido cotidianamente por estes estudantes, como refere os relatos:

P5 [...]Trabalho. Não por escrito, mas a gente sempre está trazendo a fala pro dia a dia [...]

P7 [...]Trabalho, a gente trabalha de uma forma mais lúdica, mas eles sempre acabam relatando nas conversas, acabam relatando alguma coisa sobre esse assunto, alguma coisa que aconteceu dentro da casa deles ou com um parente.

De forma concomitante a estes dados, 22 (48,9%) estudantes dos anos iniciais reportaram que o tema drogadição é abordado na sala de aula.

Analisando os relatos dos professores desta instituição, percebe-se que os mesmos acabam abrindo espaços para que os estudantes discutam em sala de aula sobre suas experiências em relação à drogadição no contexto familiar. Cabe ressaltar que, mesmo tendo receio e dúvidas, os educadores aprendem a ouvir e discutir em sala de aula esta temática, para ser abordada conforme as inquietações de seus alunos. Sob este aspecto, os professores buscam promover conhecimentos e orientações, por meio do diálogo e discussão, no sentido de demonstrar possibilidades de outros caminhos a serem seguidos sem a presença de drogas. Este fato é relevante, uma vez que a maioria dos alunos que presenciam experiências neste contexto vê no tráfico a possibilidade ilusória de status e renda para a família que, frequentemente, vive em condições econômicas precárias, apresentando um baixo nível de escolaridade.

Sob esta perspectiva, Amparo, Galvão e Cardenas (2008) mostram que o desenvolvimento do escolar em situação de risco envolve obstáculos individuais ou ambientais, que aumentam a

vulnerabilidade dos jovens para resultados negativos sobre o seu desenvolvimento físico e psicossocial. Esta é também a fase em que a sociedade estimula o adolescente para o consumo, eventualmente abusivo, de álcool, como indicador simbólico de que se atravessou a linha divisória entre a infância e a vida adulta. E, certamente, as drogas psicoativas podem assumir um papel importante na vida do adolescente como recursos facilitadores da comunicação, da busca do prazer ou na lida com os novos desafios que se apresentam.

Contudo, a escola sabe o caminho que deve seguir, mas possui, na fala de seus educadores, a presença de dúvidas e dificuldades de como trabalhar, principalmente no que se refere aos anos iniciais, devido à baixa idade das crianças e o limite de seu conhecimento sobre as drogas. De acordo com esta percepção, Buchele, Coelho e Lindner (2009) reiteram que o desconhecimento técnico de como tratar a temática da drogadição no ambiente escolar representa um fator que dificulta a promoção da saúde e a prevenção do uso de drogas. Este fato chama a atenção para uma reflexão acerca dos atuais modelos de prevenção e da necessidade de ampliar as discussões, na tentativa de reverter modelos instituídos e formalmente propostos, insuficientes no processo de ensino e aprendizagem sobre esta temática. Complementando, os mesmos autores respaldam que, apesar da dificuldade em trabalhar o tema drogadição na escola, o mesmo não pode ser deixado de lado, já que, atualmente, tornou-se um problema de saúde pública, envolvendo questões de ordem pessoal, social, cultural, entre tantos que permeiam esse tema.

Nesse sentido, Amparo, Galvão e Cardenas (2008) ressaltam que o professor deve buscar capacitação e entender o ambiente no qual a escola está inserida, para que o trabalho se torne mais significativo, pois terá que discutir e indicar possíveis soluções de problemas, referentes à drogadição, com todos os outros ambientes influenciadores na vida do escolar. Assim, o professor deve obter uma maior preparação para abordagem destas temáticas em sala de aula, e uma opção pertinente para isto são os cursos de capacitação e formação continuada, com assistência dos profissionais da saúde. De fato, para que o processo de educação em saúde se efetive na escola de uma maneira mais significativa, deve haver uma capacitação aos professores, por meio dos profissionais de saúde, pois estes em função de sua formação inicial possuem maiores conhecimentos e práticas, podendo colaborar na formação destes docentes (Rodriguez, Kolling e Mesquita, 2007).

Cabe ressaltar que as práticas de saúde adequadas ou não decorrem de experiências contínuas de ensino-aprendizagem e acabam influenciando as decisões a serem tomadas ao longo da existência dos indivíduos, podendo contribuir para diminuir, manter ou elevar o seu nível de saúde (PELICIONI e PELICIONI, 2007). Ainda, sabe-se que na maioria das escolas, ações pontuais realizadas por profissionais da saúde acontecem, através de palestras envolvendo diversos assuntos relacionais à promoção do escolar para uma maior qualidade de vida. Porém, tais práticas em saúde não trazem conhecimento e conscientização da importância da adoção de hábitos de vida saudáveis aos escolares. Logo, é pertinente acontecer um trabalho conjunto, envolvendo a comunidade escolar, os docentes, equipe pedagógica e direção da escola, bem como os estudantes e a comunidade na qual estão inseridos. De fato, o professor, atualmente, além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolares, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende à família e à comunidade (GASPARINI, BARRETO e ASSUNÇÃO, 2005).

Sob esta perspectiva, os estudos de Gonçalves e Sposito (2002) reiteram a proposta do governo de São Paulo em reduzir a violência nas escolas, explicitando a importância de iniciativas, baseadas na proposta de uma gestão democrática, envolvendo pais, estudantes e moradores de bairros de periferia. Da mesma forma, é relatada a importância e o investimento em cursos de capacitação e pós-graduação para professores e profissionais da área de segurança, envolvidos no referido projeto, no intuito de promover a redução da violência no ambiente escolar. Adicionalmente, esse modelo pode vir a ser utilizado em escolas onde o índice de violência e o consumo de drogas na comunidade onde a escola se encontra é significativo, a exemplo do presente estudo. De acordo com Precioso (2006), programas preventivos deste porte, aplicados na escola aos alunos, têm mostrado elevada eficácia preventiva e devem, portanto, fazer parte dessa estratégia global de prevenção.

Nesta linha de pensamento, Rebello, Monteiro e Vargas (2001) identificaram resultados positivos no trabalho com a temática da drogadição por meio do uso do jogo educativo. No mesmo estudo, os estudantes relataram que obtiveram informações anteriores sobre a temática, a partir de atividades informativas (palestras, folhetos), sendo estas altamente criticadas. Assim, a atividade por meio do uso de jogos evidenciou-se como uma ferramenta importante no trabalho com a temática drogadição

no contexto escolar, e representa assim uma alternativa de abordagem desta temática em sala de aula.

Considerações finais

Com base nos achados do presente estudo, foi possível verificar que os professores acreditam que os estudantes que convivem com indivíduos e/ou familiares dependentes químicos apresentam alterações comportamentais que podem comprometer a aprendizagem no ambiente escolar. Assim, os professores inferem que o ambiente social no qual o estudante está inserido pode influenciá-lo no desenvolvimento de suas capacidades, e que as crianças que convivem em ambientes de drogadição tendem a repetir de ano e necessitam de um acompanhamento especial por outros profissionais. De forma concomitante, os estudantes também relataram apresentar tais dificuldades de aprendizagem e taxa de reprovação significativa, demonstrando assim uma correlação entre os dados encontrados pelos educadores e pelos estudantes.

Os professores reiteram a grande dificuldade em trabalhar com a família destas crianças, e a expressiva distância entre a família e a escola, o que prejudica diretamente o trabalho com a criança no âmbito escolar. Também foi observada a preocupação com a abordagem do tema drogadição no contexto escolar pelos educadores, sua disposição em dialogar e propiciar espaços de discussões em sala de aula, e seus questionamentos sobre o trabalho deste tema, de forma que a aprendizagem seja significativa.

Por meio destes achados, é notável que os professores necessitam de uma formação que os possibilite trabalhar junto a estudantes com dificuldades de aprendizagem, bem como que os capacite para a abordagem destas temáticas no ensino. Assim, é relevante a inserção de cursos de capacitação na formação inicial e continuada destes docentes, para que os mesmos abordem temáticas relevantes em sala de aula, considerando a realidade local na qual a escola está inserida. Neste aspecto, é essencial que os órgãos governamentais fomentem tais iniciativas, proporcionando um viés de ligação entre os educadores e profissionais da saúde no ambiente escolar, para que a educação venha a ser transformadora da realidade e formadora de cidadãos críticos e cientes de suas responsabilidades e direitos.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, A.P.Q.C. Avaliação e manejo da criança com dificuldade escolar e distúrbio de atenção. *Jornal de Pediatria*, v. 78, sup. 1, p. 104-110, 2002.
- AMPARO, D.M.; GALVÃO, A.C.T.; CARDENAS, C. A escola e as perspectivas educacionais de jovens em situação de risco. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, v. 12, n. 1, p. 69-88, 2008.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação do Ensino Fundamental, *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1996.
- BUCHELE, F., COELHO, E.B.S., LINDNER S.R. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.14, n.1, p. 267-273, 2009.
- FARIA, H.A.; CARVALHO,G.S. Escolas promotoras de saúde: factores críticos para o Sucesso da parceria escola-centro de saúde. *Promoção da saúde*, v. 22, n. 2, p. 79-90, 2004.
- FELIPPE, C.I.M. de. *Investigação das causas do fracasso escolar nas escolas públicas da zona urbana da cidade de Rio Grande*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Saúde e Comportamento, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, 2004.
- FERNANDES, M.H.; ROCHA, V.M. e SOUZA,D.B. A concepção sobre saúde do escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). *História, Ciências, Saúde*. Mangueiras, Rio de Janeiro v. 12, n. 2, p. 283-91, 2005.
- FOUREZ, G. Crise no Ensino de Ciências? *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, v. 8, n. 2, p. 109-123, 2003.
- GASPARINI, S.M.; BARRETO, S.M.; ASSUNÇÃO, A.A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.
- GIL-PEREZ, D., et al. A educação científica e a situação do mundo: um programa de atividades dirigido a professores. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 1, p. 123-146, 2003.
- GONÇALVES, L.A.O., SPOSITO, M.P. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 101-38, 2002.

- GONZALEZ, F. G.; PALEARI, L. M. O ensino da digestão-nutrição na era das refeições rápidas e do culto ao corpo. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2006.
- HALPERN, R.; FIGUERAS, A.C.M. Influências ambientais na saúde mental da criança. *Jornal de Pediatria*, v. 80, n. 2, s104-110, 2004.
- KALINA, E.; KOVADLOFF, S. *Drogadição*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- MATURANO, E.M. Recursos no ambiente escolar e dificuldades de aprendizagem na escola. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 15 n. 2, p. 135-142, 1999.
- MOREIRA, B. L. da R., et al. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 10, n. 1, p. 64-83, 2011.
- NOBRE, M. R. C., et al. Prevalências de sobrepeso, obesidade e hábitos de vida associados ao risco cardiovascular em alunos do ensino fundamental. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 52, n. 2, p. 118-24, 2006.
- NEGRÃO, R.; SEABRA, P. Dificuldades de aprendizagem em crianças e adolescentes filhos de toxicodependentes. *Toxicodependências*, v. 13, n. 2, p. 41-54, 2007.
- NJAINÉ, K.; MINAYO, M. C.S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, v.7, n. 13, p.119-34, 2003.
- PACHECO, L.M.B. Diagnóstico de Dificuldade de Aprendizagem. *Temas em Psicologia da SBP*, v. 13, n. 1, p. 45-51, 2005.
- PELICIONI, M.C.F.; PELICIONI, A.F. Educação e promoção da saúde: uma retrospectiva histórica. *O Mundo da Saúde*, v. 31, n. 3, p. 320-328, São Paulo, 2007.
- POLONIA, A.C.; DESSEN, M.A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.
- POLONIA, A.C.; DESSEN, M.A. A família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.
- PRECIOSO, J. Boas práticas em prevenção do tabagismo no meio escolar. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, v. 22, p. 201-22. 2006.
- REBELLO, S.; MONTEIRO, S.; VARGAS, E. A visão de escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo. *Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, n. 8, p. 75-88, 2001.

RODRIGUEZ, C.A.; KOLLING, M.G.; MESQUIDA, P. Educação e Saúde: um binômio que merece ser resgatado. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 31, n. 1, p. 60 – 66, 2007.

ROLFSEN, A.B; MARTINEZ, C.M.S. Programa de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem: um estudo preliminar. *Paidéia*, v. 18, n. 39, p. 175-88, 2008.

ROTA, N.; OHLWEILER e RIESGO. *Rotina em neuropediatra: transtornos da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, A.P.C.; CAPELLINI, A.S. Programa de remediação fonológica em escolares com dificuldades de aprendizagem. *J Soc Bras Fonoaudiol.*, v. 23, n. 1, p. 13-20, 2011.

WITT, W. P.; RILEY, A. W.; COIRO, M. J. Childhood functional status, family stressors, and psychosocial adjustment among schoolaged children with disabilities in the United States. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, v. 157, n. 7, p. 687-695, 2003.

ZACHARIAS, J. et al. Saúde e Educação: mal-estar ao bem-estar docente. *Revista Educação por Escrito*, v. 2, n. 1, p. 16-30, 2011.

Sobre as autoras:

Marisele Pereira Velasques possui Graduação em Pedagogia Séries Iniciais pela Pontifícia Universidade Católica - RS Câmpus Uruguaiana.

Simone Lara é Doutora em Educação em Ciências, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Docente do Curso de Graduação de Fisioterapia e do Programa de Especialização em Educação em Ciências, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Câmpus Uruguaiana (RS).

Recebido em: 21/04/2015

Aceito para publicação: 17/11/2015